Dia 16 — Santo Ubaldo, Bispo

Nasceu Santo Ubaldo em Gúbio, cidade da Úmbria, na Itália, por volta do ano de 1084, de uma das mais nobres e mais distintas famílias do país. Tendo perdido seu pai quase estando ainda no berço, foi confiado à tutela de um tio seu chamado também Ubaldo, que o havia tirado da pia e era um cavaleiro ainda mais distinto por sua virtude que por seu nobre nascimento. Ele mesmo lhe deu as primeiras lições de uma cristã educação, reconhecendo no menino Ubaldo admiráveis disposições para a virtude e não menor engenho para sobressair no estudo das letras. Pô-lo depois a pensão em casa do prior de São Mariano e Santiago, para que estudasse em companhia de outros meninos dedicados ao serviço da Igreja; e em pouco tempo fez muitos progressos nas letras humanas e divinas, mas muito maiores na ciência da salvação.

Teve que padecer grandes combates sua inocência em meio de uma quase geral corrupção de costumes. Cansado enfim e ofendido da licenciosa vida que se tolerava nos meninos colegiais, companheiros seus, deixou o colégio ou seminário de São Mariano e entrou no de São Segundo, onde se vivia com muito maior regramento, e ali concluiu seus estudos. Quanto mais sábio se fazia, mais devoto se mostrava. A terna e afetuosa devoção que professava à Rainha dos céus inspirou-lhe tanto amor à pureza que, ainda sendo muito menino e achando-se herdeiro de um pingue patrimônio, resolveu renunciar a todas as vaidades do mundo e fez voto de perpétua castidade.

Uma virtude tão rara num jovem rico, nobre, de boa disposição e de muito engenho, numa cidade onde eram tão poucos os bons, moveu o bispo São Gramairiano a atraí-lo a sua companhia; e, noticioso de que havia abraçado o celibato, fê-lo prior de sua igreja catedral, que era a de São Mariano, onde havia passado Ubaldo os primeiros anos de sua meninice.

O cabido, de que se achou cabeça nosso santo sendo ainda tão jovem, fazia muitos anos que vivia sem ordem e sem disciplina. Estava desterrada dele a regularidade, abandonados os divinos ofícios, e tocava-se às horas canônicas, mas não se diziam. O claustro dos cônegos estava aberto a todo o mundo; a desordem era tão pública e tão contínua de noite como de dia; numa palavra, eram poucos os cônegos que não levavam uma vida escandalosa. Gemeu Ubaldo à vista de tão deplorável situação; derramou torrentes de lágrimas na presença de Deus e não cessava de implorar sua misericórdia pela conversão de seus irmãos.

O mal era grande e a cura difícil. A mesma inocência e a mesma virtude do santo prior eram no princípio como um estorvo, olhando-o os cônegos como um mudo censor que os incomodava. Seu silêncio, sua modéstia e suas mesmas urbanas atenções, em vez de temperar os ânimos, os enconavam mais e mais. Como sua vida era uma vivíssima repreensão da que eles levavam, não

podiam sofrer que fosse cabeça de sua comunidade. Nos princípios intentaram obrigá-lo a renunciar a dignidade à força de pesares; mas sua afabilidade, sua paciência e sua política os fizeram mais tratáveis; só os desesperavam seus exemplos, e assim nunca podiam olhá-lo sem enfado.

Conhecendo muito bem Santo Ubaldo tanto a natureza da enfermidade como o temperamento dos enfermos, contentava-se com procurar cumprir as obrigações de seu estado, sem dar-lhes mais lição nem aplicar-lhes outro remédio que o do bom exemplo. Começou ganhando três cônegos dos menos viciosos, aos quais persuadiu que, juntando-se a ele, vivessem todos em comunidade, não tendo mais que um refeitório, um dormitório e um coro comum. Edificou a toda a cidade esta exemplar vida, ressuscitando no clero o fervor de seu primitivo espírito. Por este tempo, tendo ouvido nosso santo elogiar certa comunidade de eclesiásticos que, com o título de cônegos regulares, havia fundado um grande servo de Deus chamado Pedro de Honestis, na igreja de Santa Maria do Porto, território de Ravena, passou lá e esteve três meses nela para empapar-se em seu espírito e observar sua disciplina. Agradou-lhe o instituto e trouxe consigo a Gúbio suas constituições, as quais agradaram tanto aos cônegos de sua reduzida comunidade que todos unânimes resolveram abraçá-las. Abençoou Deus a perseverança e o zelo de nosso santo; porque todo o cabido se converteu, admitiu o novo instituto e em pouco tempo foi uma das mais exemplares comunidades de cônegos regulares que floresciam na Igreja universal.

Algum tempo depois um incêndio que abrasou a maior parte da cidade reduziu a cinzas o convento e claustro dos cônegos; ocasião que pareceu a Ubaldo muito oportuna para renunciar o priorado e satisfazer o desejo que tinha de retirar-se à solidão. Mas, não querendo proceder em coisa alguma sem conselho, foi ver-se com o bem-aventurado Pedro de Rimini, prior do deserto de Fonte Avellana, para comunicar-lhe seus intentos. Dissuadiu-lhos o servo de Deus, declarando-lhe ser tentação do inimigo e laço que lhe armava para destruir o novo instituto e arruinar no berço a reforma: aconselhou-lhe que se restituísse ao ponto a sua igreja e procurasse reedificar quanto antes o convento. Obedeceu Ubaldo, e abençoou Deus sua docilidade e seus trabalhos, logrando ver em breve tempo seu cabido de Gúbio um dos mais santos e mais florescentes de toda a Itália.

Mas, como se havia estendido por todas as partes a fama e a reputação de nosso santo, não era fácil que o deixassem gozar de sua quietude por muito tempo; e, tendo morrido o bispo de Perúgia, o clero e o povo de comum acordo nomearam a Ubaldo para que lhe sucedesse. Noticioso de sua eleição, saiu secretamente da cidade e escondeu-se num sítio muito retirado, até que soube que os deputados de Perúgia haviam voltado a suas casas. Então saiu de seu retiro e, levado de sua aversão às dignidades eclesiásticas, foi diretamente a Roma, lançou-se aos pés do papa Honório II e suplicou-lhe que não atendesse à nomeação da igreja de Perúgia feita em seu favor, vertendo tantas lágrimas e alegando tantas razões para que o escusasse do bispado que o papa se deixou persuadir e declarou nula a eleição do povo de Perúgia.

Não durou muito tempo o triunfo de sua humildade; porque, tendo sucedido dois anos depois a morte de Estêvão, bispo de Gúbio, e não convindo o clero e o povo na eleição, viu-se obrigado Ubaldo, como prior ou deão da catedral, a voltar a Roma para suplicar ao papa que pusesse fim àquelas contestações. O papa, que estava muito arrependido da facilidade com que antes havia condescendido com sua repugnância, nomeou-o bispo de Gúbio, sem que lhe valessem razões,

súplicas nem lágrimas; foi-lhe preciso obedecer e render-se a uma eleição que mereceu o universal aplauso do clero e povo. Foi consagrado pelo mesmo papa no ano de 1129, declarando Deus ser sua esta eleição e justificando-a o santo desde logo pelos grandes exemplos de virtude e pelos maravilhosos frutos de seu zelo.

Persuadido de que a virtude de um simples prior não era suficiente para um bispo, dobrou seu fervor, sua devoção e suas penitências. Sempre havia sido parca sua mesa; mas não obstante fê-la ainda mais frugal, refinando, por assim dizer, sua abstinência, sua modéstia e sua pobreza. Costumava dizer que o bispo deve fazer-se respeitar por sua virtude mais que por seu séquito e por sua equipagem; e acrescentava: «Se o bispo tem mais renda que um cônego, não é para manter mais criados, mas para sustentar mais pobres.» Vivia com uma contínua mortificação de seus sentidos e com um completo desapego de todas as coisas. Infatigável nos trabalhos da penitência e nos que eram inseparáveis de seu ministério, velava continuamente sobre o rebanho que lhe havia sido encomendado. Ganhava os corações com seu agrado, com sua apacibilidade e com sua paciência. Dizendo um dia a um pedreiro que não havia feito bem em levantar uma parede em solo alheio, aquele bárbaro, cheio de furor, lançou o santo bispo num monte de cal. Levantou-se tranquilamente o humildíssimo prelado e retirou-se a seu palácio sem falar palavra; mas o povo, que não era tão moderado, clamava pelo castigo de tão sacrílega insolência e, temendo o santo bispo que maltratasse o delinquente, pô-lo a salvo em seu mesmo palácio. O pedreiro, penetrado já de uma vivíssima dor de seu delito, ofereceu-se a expiá-lo com sua mesma vida; mas todo o castigo que lhe deu foi despedi-lo com um ósculo de paz.

Querendo em certa ocasião sossegar um tumulto popular, meteu-se intrepidamente entre as espadas nuas; e, à vista do perigo que corria o santo prelado, deixaram todos cair as armas das mãos, seguindo-se a reconciliação por efeito de sua só presença. Ninguém foi mais dono dos ânimos e dos corações de todos. Depois que o imperador Frederico Barba-Ruiva houve sujeitado os romanos e saqueado a cidade de Espoleto, dirigia-se a Gúbio com ânimo de fazer o mesmo; mas, tendo-lhe saído a receber o santo bispo, desarmou-o. Cheio Frederico de respeito e de veneração a sua virtude, deixou todo o fausto que o rodeava, prostrou-se a seus pés, pediu-lhe sua bênção e perdoou à cidade.

Em meio de suas contínuas e dolorosas enfermidades, que dissimulava sempre com um semblante alegre, apacível e sereno, nenhum ano deixou de fazer a visita de seu bispado e nenhum dia de sustentar o povo com o pão da divina palavra. Assim como não houve pastor mais amado de suas ovelhas, assim não houve ovelhas mais dóceis à voz de seu pastor. O culto divino restituído a seu esplendor antigo, os abusos desterrados e os costumes reformados foram fruto do infatigável zelo de Santo Ubaldo, que, consumido ao rigor de suas penitências e pastorais fadigas, debilitado por seus achaques e pressentindo que se ia aproximando a hora de sua morte, mandou levar-se à igreja de São Lourenço, onde se manteve como numa espécie de retiro até o dia da Ascensão, dispondo-se para aquela última hora. Mandou depois que o restituíssem a seu palácio episcopal, onde não cessou de dar salutares instruções todo o tempo que teve livre o uso da língua. Agravando-se a enfermidade na véspera e dia de Pentecostes, correram todos a receber sua última bênção ao pé de sua humilde cama; sem ouvir-se na cidade mais que prantos e universais gemidos, até que na noite do dia seguinte, que foi o 16 de maio, passou tranquilamente à glória eterna dos bem-aventurados, no ano de 1160, aos setenta e seis de sua idade e trinta e um de seu

bispado.

Acudiram a venerar o santo cadáver todos os povos vizinhos à primeira notícia de sua morte, parecendo triunfo mais que pompa fúnebre suas magníficas exéquias; e os grandes milagres que obrou Deus por intercessão do santo, estando ainda de corpo presente, continuando-os depois em seu glorioso sepulcro, moveram o papa Celestino II a canonizá-lo no ano 1192 [^1]. Quatro anos depois fez-se a trasladação de seu corpo à igreja catedral de São Mariano e Santiago, que está sobre um montezinho extramuros da cidade, e começou a chamar-se o Monte de Santo Ubaldo, por haver-se edificado ali uma suntuosa igreja dedicada ao santo, sendo cada dia maior e mais solene a devoção daquele povo.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Auxilium tuum nobis, quæsumus, Domine, placatus impende, et intercessione beati Ubaldi, confessoris tui atque pontificis, contra omnes diaboli nequitias dexteram super nos tuæ propitiationis extende. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que, aplacada vossa ira, nos concedais auxílios particulares e que, por intercessão do bem-aventurado Ubaldo, vosso confessor e pontífice, nos estendais vossa mão poderosa para defender-nos de todas as ciladas do demônio. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 da Sabedoria, e a mesma que a do dia 5.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi*

> *incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Há grande variedade de opiniões sobre o tempo em que se escreveu o livro do Eclesiástico. Os que o atribuem a Salomão supõem que foi em seu tempo; outros querem que fosse no pontificado de Eleazar e no tempo de Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito; mas a opinião mais comum é que se escreveu sendo pontífice Onias III e Antíoco Epifânio, rei da Síria.»

Reflexões

Deu-lhe o grande sacerdócio para que exercesse suas funções, para que cantasse louvores a Deus, para que em seu nome anunciasse ao povo sua glória e para que oferecesse incessantemente ao mesmo Deus incenso digno em odor de suavidade. Isto é pontualmente o que quer Deus de todo aquele a quem eleva à alta dignidade do sacerdócio: que exerça suas funções, *fungi sacerdotio;* isto é, que todos os dias ofereça no altar o cordeiro sem mancha: *Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie* [^2]. Que sua ocupação e seu ofício seja cantar louvores ao Senhor e pregar ao povo sua palavra. E, porquanto um ministério tão santo e um caráter tão sagrado estão pedindo uma vida pura, inocente e exemplar, que em todo tempo exale o bom odor de Jesus Cristo, exige Deus de todos os sacerdotes um regramento de costumes o mais exato, uma virtude a mais particular, um fervor constante e que não se desminta jamais. São os sacerdotes por seu caráter pessoas consagradas; por seu estado, ministros do altar; por seu título, conquistados ou adquiridos especialmente pelo Senhor e escolhidos para ser oráculos de Deus vivo, intérpretes de sua vontade, depositários dos méritos e até do mesmo sangue de Jesus Cristo; seus favorecidos, seus ministros, encarregados das orações do povo por seu ofício; obrigados a servir-lhe de luz por seu ministério; destinados a louvar dia e noite o Senhor por dever. Sua vida escondida em Jesus Cristo, segundo a expressão do Apóstolo, deve representar aos olhos de todos a vida do mesmo Cristo. Seus dias não são seus; reservou-os para si o que os chamou a seu serviço; está-lhes proibida toda ocupação puramente profana; para eles todos os dias são férias, isto é, dias de festa e solenidade: fins, ações, desejos, diversões, até a mesma aparente ociosidade, tudo deve ser neles santo ou

santificado. Sendo respeitáveis até aos anjos por seu elevado caráter, não o devem ser menos aos homens pela inocência e pela santidade de sua vida.

Que desolação, que desgraça, exclama o Profeta, que as pedras do santuário, tão dignas de nossa veneração enquanto estão em seu lugar, se achem espalhadas pelos cantos das ruas, pisadas e tratadas com desprezo, quando já não servem mais para o uso a que estavam destinadas!

Que escândalo seria se aqueles ministros do Altíssimo, que só deveriam encontrar-se entre o vestíbulo e o altar chorando seus pecados e os do povo, se achassem todos os dias nas concorrências profanas, frequentando as academias da ociosidade, sendo a alma das diversões e o espírito do jogo, malogrando todo o tempo numa delicadeza ou numa dissipação escandalosa!

Mas ah! E não se acham por nossa desgraça alguns desses mercenários, desses sacerdotes intrusos que, com lastimoso dano da religião, desacreditam seu sagrado ministério? Não se acham alguns desses homens indignos que, sem mais vocação ao estado que abraçaram que a de uma renda pingue, consideram um benefício eclesiástico como suplemento de uma legítima escassa? Ó santo Deus, e que terrível conta hão de dar ao supremo Juiz do uso de suas rendas, das obrigações de seu estado e de todos os dias de sua vida passados na ociosidade, quando nem um só momento deveriam ter que não o empregassem bem!

A vida ociosa e delicada tem sem dúvida seus entretenimentos; mas há poucos que sejam inocentes e nenhum que não seja indigno de um eclesiástico. Poucos ociosos há desta classe que deixem de ser culpados. Como são ou se fazem pessoas necessárias para as diversões de outros, sem eles parece que não tem alma a conversação; ao jogo, em sua ausência, falta-lhe toda a graça; e, enfim, as visitas, o passeio, os saraus e quantas festas profanas há lhes absorvem todo o tempo, reservando-se só uns poucos instantes, e esses os últimos da noite, para rezar precipitadamente alguns salmos. Até esta curta obrigação do estado, desempenhada tão mal e às pressas, lhes parece uma carga insuportável. Faz-se-lhes pesada a santidade de seu caráter, e falta pouco para que uma grossa renda, com obrigação de fazer oração a Deus, não lhes pareça um benefício a título oneroso.

Pois quê! Não se separaram do povo, não se alistaram na família de Jesus Cristo senão para fazer-se mais lugar nas concorrências mundanas? Pode representar-se cena mais escandalosa, pode dar-se ao público espetáculo mais digno de riso? Sempre faz uma figura muito ridícula o que representa um papel que não lhe convém; nunca sai um do que corresponde a seu estado sem fazer-se digno de riso pelo mesmo fato. E esta ridicularia não será mais visível numa pessoa eclesiástica? Ai, meu Deus! Quem poderá tranquilizar na hora da morte um homem carregado de obrigações, todas a qual mais estreita, todas a qual mais indispensável, todas a qual mais sagrada, e que morre sem haver cumprido jamais pontualmente nem talvez com uma só delas? Eles sós bem postos a coberto das misérias e das calamidades dos tempos; eles sós isentos dos trabalhos e dos cuidados inseparáveis dos demais estados e condições; eles sós ricos com os bens dos pobres; é possível que só hajam de encontrar lugar para os passatempos! Que seu sagrado caráter somente lhes haja de servir para a diversão e suas avultadas rendas para arrastar um grande séquito e uma magnífica equipagem! Entraram acaso na Igreja só para engolfar-se mais no mundo? Oh, e que conta darão a Deus!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o OCR diz «cap. 23»), e o mesmo que o do dia 5.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

A que perigo se expõem os que passam uma vida ociosa

Primeiro ponto

Considera a que risco nos expomos numa vida ociosa e inútil e quanto devemos temer o castigo de um Deus justamente irritado, que pode fulminar contra nós aquela terrível sentença de reprovação pronunciada contra a árvore que não leva fruto.

Muito tempo há que não cessa Deus de dar-nos avisos: inspirações, graças, auxílios, instruções, acidentes imprevistos, leitura de livros, tudo se dirige a converter-nos. Faz muito tempo que o Senhor busca frutos e não encontra mais que folhas, ou frutos semelhantes aos do campo de Gomorra, que debaixo de uma bela casca só escondem podridão e amargura. Qual será, pois, nossa sorte? Que destino podemos esperar? A árvore estéril é condenada ao fogo; um cristão vazio de boas obras, sem devoção e que não tem mais que a aparência de cristão, terá o céu por herança?

Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci? Que mais devi fazer por minha vinha que não fizesse?, diz o Senhor pelo profeta. Traze à memória os auxílios que te concedi, as graças que te dispensei. Depois de tantos afãs, não devia esperar eu que esta minha vinha me correspondesse com frutos doces? E em meio disso não me deu mais que alguns cachos muito amargos.

Nunc ergo, habitatores Jerusalem, et viri Juda, judicate inter me, et vineam meam. Julgai, pois, agora vós mesmos, homens ingratos, se tenho razão para queixar-me de vós. Fiz por vós mais do que vós mesmos vos atreveríeis a esperar e de certa maneira ainda mais do que poderíeis crer. Convindes nos benefícios que recebestes de minha liberal mão; mas servistes-me por isso com maior fidelidade, amastes-me mais?

Não temos motivo para temer o justo castigo com que Deus ameaça a vinha estéril? *Auferam sepem ejus, et erit in direptionem:* lançarei por terra o cercado com que a resguardei e deixá-la-ei aberta ao arbítrio dos caminhantes e dos passageiros; converter-se-á em caminho público e será pisada de todos; já não se cultivará mais; se produzir algo, serão espinhos e abrolhos; e, para cúmulo de sua desdita, farei que não chova mais sobre uma terra tão ingrata, sobre uma vinha que não dá fruto. É fácil entender o que significam estas expressões. Fizeram-se em tempo de Páscoa os propósitos mais santos; conheceu-se o perigo de certas visitas, de certas funções, de certas concorrências, de certas conversações e de certos maus costumes; foi fruto da dor e do arrependimento um plano de vida nova; concluiu-se que era indispensável a emenda e a reforma; mas poucos dias depois tudo isto deu por terra. E um Deus tão justamente irritado continuará depois seus extraordinários desvelos? Derramará depois com profusão seus especiais favores? Deixará em pé esse cercado que tu mesmo fazes tantos esforços para derrubar? Cumular-te-á sempre de novos benefícios e de novas graças?

Segundo ponto

Considera a desgraça de uma alma a quem castiga o Senhor com esta justa, mas espantosa privação. Derribada a cerca, isto é, perdido aquele recolhimento interior, debilitado aquele salutar temor dos juízos de Deus, esterilizados os talentos e reiteradas as recaídas, entregar-se-á a alma indiferentemente a todas as desordens e será presa infeliz de todas as paixões; ocuparão tumultuariamente o coração mil turbulentos cuidados; mal se deixará perceber a voz de Deus senão lá no mais fundo do mesmo coração; não farão impressão os salutares conselhos de um confessor douto e prudente; olhar-se-á a virtude com tédio e com desgosto; far-se-á intolerável o jugo do Senhor; parecerá como seco e esgotado o manancial das graças. E que será de uma pobre alma em tão lamentável estado?

Talvez te lisonjearás de que não te abandonaste à última desordem, mas lembra-te de que o servo vadio e preguiçoso não foi castigado porque houvesse perdido o talento, mas por não haver negociado com ele. Esperas voltar a ti e confessar-te na primeira festa; mas, se a confissão que fizeste por Páscoa de Ressurreição foi inútil, não deves temer que não o seja também a que fizeres por Pentecostes? Entretanto o tempo se passa e talvez, talvez estamos já tocando o termo fatal de nossa vida: *Jam enim securis ad radicem posita est.* Talvez será esta a última solicitação da graça; talvez será a derradeira vez que Deus nos advertirá, que Deus nos tocará o coração, que Deus nos apertará para que saiamos deste estado infrutuoso e estéril. E depois de tudo isto, não devemos temer que pronuncie contra nós aquela sentença do pai de família contra a figueira que não dava figos: *Succidite illam, ut quid terram occupat?* Cortai esta árvore quanto antes, lançai-a ao fogo; para que se há de deixar ocupar o terreno de outra que pode dar requintado fruto acreditando as diligências do cultivo?

Coisa estranha! Fazemos todas estas reflexões; a muitos estremecerão estas verdades; todos convimos em que é muito arriscada uma vida inútil para o céu; e em meio disso, para quantos serão inúteis estas reflexões?

Não permitais, Senhor, que seja eu deste número. Árvore estéril até aqui, tornei ineficazes todas as vossas graças, inúteis todos os vossos desvelos. Não vos canseis, Deus das misericórdias; continuai, Senhor, continuai os auxílios de vossa graça a minha alma, que espero dará fruto de hoje em diante.

Jaculatórias

> *Patientiam habe in me, et omnia reddam tibi.* Mt 18.

Dai-me, Senhor, ainda um pouco de tempo, que eu vos satisfarei o que vos devo.

> *Domine Deus, ostende hodie, quia tu es Deus Israel, et ego servus tuus.* 3 Rs 18.

Mostrai, Deus meu e Senhor meu, neste dia que vós sois meu soberano dono e que eu sou fiel e humilde servo vosso.

Propósitos

1. Se compreendeste o perigo a que expõe uma vida ociosa, inútil e frouxa, facilmente evitarás este perigo com o horror que te causará semelhante vida. Mas guarda-te bem de que este horror se reduza só a projetos aéreos, a desejos inúteis que matam o preguiçoso. Procura que seja sempre prático o fruto de todas as tuas meditações, isto é, que se dirija sempre à reforma de teus costumes, a arranjar tua conduta e à prática da virtude. Até aqui foi inútil tua vida, ou ao menos houve nela grandes vazios; procura que daqui em diante sejam dias cheios todos os teus dias, segundo a frase da Escritura. Dá desde logo princípio pelo dia de hoje, praticando nele todas aquelas obras e exercícios que correspondem a teu estado. Visita os pobres enfermos no hospital; consola-os com tuas palavras e com tuas esmolas. Se não os podes visitar no hospital, exercita esta obra de caridade com alguns de tua paróquia. Há muitas famílias honradas que têm grande falta de tudo; o que a ti te sobra as acomodaria muito; socorre-as e gasta nisto o que havias de gastar numa mesa esplêndida, num convite inútil, num vestido supérfluo ou num móvel não necessário de que bem podes passar sem ele. Farás nisto um grande sacrifício; rogo-te que tomes gosto a esta prática.

2. Foge da companhia da gente ociosa e até deves deixar de assistir aonde reina a ociosidade. Tem continuamente alguma coisa em que ocupar-te. Uma senhora cristã sempre deve ter alguma lavor que a ocupe; ao lavor suceda a oração ou a leitura de algum livro devoto. Procura que seja útil até teu mesmo descanso, por meio de conversações que fomentem a virtude e que edifiquem. Acostuma-te a levantar o coração a Deus frequentemente com breves jaculatórias e com atos de amor seu. É devoção muito proveitosa rezar a Ave-Maria sempre que dá alguma hora. Muito se adiantará com uma vida empregada nestes devotos exercícios; são umas indústrias espirituais, aparentemente de pouca entidade, mas na realidade de grande valor para enriquecer a alma.

São João Nepomuceno, Mártir

Entre as várias calamidades que tem padecido a Igreja e na maior corrupção dos séculos mais relaxados, sempre fez ver seu esposo Jesus Cristo que não podiam prevalecer contra ela as portas do inferno; antes, as mesmas perseguições fariam ressaltar o preço e formosura da virtude. Viu-se isto com a maior claridade no reinado turbulento e sanguinário de Venceslau, rei da Boêmia, indigno por seus excessos de haver sido filho do generoso Carlos IV. Entre os varões que ilustraram por aquele tempo a igreja da Boêmia, e principalmente a metropolitana de Praga, com o lustre de seu nascimento, com a cópia de doutrina, com a fortaleza em defender a imunidade eclesiástica, com a inocência de costumes e com todas as demais virtudes próprias dos grandes sacerdotes, foi um São João Nepomuceno, cuja vida e felicíssima morte, honrada com a láurea do martírio em defesa do sigilo sacramental, é como se segue.

Nasceu São João Nepomuceno num lugar da Boêmia chamado Nepomuk, entre o ano de 1320 e 1330, segundo se deixa inferir dos sucessos de sua vida. Seus pais, homens de mediana fortuna, foram mais ilustres pela solidez de sua piedade que pela antiguidade de sua ascendência. Haviam chegado a uma idade avançada, próxima à senectude, sem o consolo de ter sucessão: dirigiam ao céu seus votos, derramando copiosas lágrimas diante da imagem da Mãe de Deus que se venerava em Verdemonte, mosteiro de cistercienses, mais para exercitar sua piedade que porque esperassem ter filhos em idade tão desproporcionada. Mas a piedosa Mãe de misericórdias ouviu suas orações e não somente alcançou de seu Filho que os alegrasse com o nascimento de João, mas, tendo este adoecido tão perigosamente que se desconfiava de sua vida, sarou repentinamente logo que seus pais acudiram a oferecer seus votos diante daquela santa imagem. Toda a sua puerícia foi um contínuo tecido de santas obras que manifestavam a verdade com que o céu havia indicado antes de nascer a pureza de seus costumes e os ardores de sua caridade, por meio de umas formosas chamas que desceram do céu rodeando a casa em que nasceu. Deleitava-se, sendo ainda muito menino, em ajudar à missa os sacerdotes, assistindo à igreja antes de amanhecer, e o fazia com tal modéstia e compostura que parecia um anjo do céu destinado à igreja por ministro. Havia-o dotado a natureza de um semblante em que se juntavam a majestade e formosura com uma amabilidade e singeleza que arrebatava os corações. Seu gênio vivo, sua rara memória e seu entendimento agudo e perspicaz não desmentiam um ponto os anúncios felizes de seu semblante. Para não os malograr cuidaram seus pais de proporcionar-lhe os estudos de latinidade e eloquência e para este efeito o enviaram à cidade de Zatec, onde em pouco tempo estudou as humanidades e sobretudo a retórica com grande nota de aproveitamento. O imperador Carlos IV acabava de fundar então a universidade de Praga, atraindo a ela com grandes prêmios os mestres mais sobressalentes em todas as faculdades que tinham naquele tempo Paris, Pádua e Bolonha. O jovem João foi enviado a esta florescente escola e nela estudou a filosofia e as sagradas ciências, até conseguir o grau de mestre na primeira e o de doutor em sagrada teologia e cânones.

Desde que havia começado a instruir-se nas letras humanas, havia conhecido o santo que a grande propensão que sentia ao estudo da eloquência denotava certa vocação ao sacerdócio e a procurar a salvação das almas. Quanto mais foi internando-se nos segredos da verdadeira sabedoria e penetrando as sublimes verdades da religião nas ciências sagradas, tanto mais se lhe foram acendendo no coração os desejos de servir à Igreja e à salvação de seus próximos por todos os dias de sua vida. Desconfiava contudo de seu próprio juízo; e, ainda que em todo o tempo que havia consumido nos estudos não havia deixado de praticar obras de piedade e de virtude, com tudo isso determinou retirar-se por espaço de um mês inteiro para examinar com seriedade sua vocação ao sacerdócio. Passou o santo mancebo todo aquele mês numa rigorosa solidão, purificando e examinando sua consciência, afligindo seu inocente corpo e dirigindo ao céu fervorosas orações com copiosas lágrimas, para que se dignasse fazer-lhe patente sua vontade e dar-lhe os auxílios necessários para cumpri-la. Conheceu pela constância em seus propósitos, e muito mais por aquela interior ilustração com que Deus se insinua nos corações de seus servos, que este Senhor o chamava ao estado eclesiástico; e assim, concluídos seus exercícios, recebeu as ordens sagradas e começou a exercer as funções de sua nova dignidade por meio da pregação. Não eram seus sermões como os daqueles oradores que mais bem parece irem pregar-se a si mesmos, fazendo ostentação de uma vã eloquência, que ganhar as almas perdidas e reduzi-las ao rebanho de Jesus Cristo: os discursos de São João eram vivos, enérgicos, persuasivos, cheios daquela força superior com que o espírito divino abranda o coração empedernido do pecador mais

obstinado. A moção, os sentimentos que excitava nas almas dos ouvintes, o gosto com que estes o ouviam, suas lágrimas e, muito mais, a emenda de suas vidas davam um claro testemunho da excelência de sua pregação. Em breve tempo todos os vizinhos de Praga reconheceram em São João Nepomuceno um ministro evangélico em quem resplandecia a um mesmo tempo a sublimidade de doutrina e a santidade das obras; e nesta justa persuasão não tiveram dificuldade de nomeá-lo pregador da basílica de Nossa Senhora de Tein, em Praga a antiga, que era o sítio mais principal e nobre daquele povo e onde só se permitia pregar a oradores consumados.

Era empresa árdua ocupar o lugar de homens tão sábios como os que o haviam precedido, sem o justo temor de incorrer no desagrado dos ouvintes, acostumados a ouvir os oradores mais sublimes que havia tido a Boêmia. Um destes havia sido Conrado Stickna, homem eloquentíssimo; e outro, o mais imediato, João Milício, cuja força no dizer era tanta que, em resultado de um discurso seu, todas as matronas da cidade de Praga abandonaram a um tempo o luxo e profanidade de seus vestidos; as mulheres públicas deixaram suas vidas licenciosas, encerrando-se em conventos; e até os cidadãos mesmos chegaram a destruir os lupanares, entregando-se às lágrimas e à penitência. Apesar disto, o novo pregador encheu de tal maneira a expectação de todos que fez esquecer o mérito de seus predecessores e até os aventajou na prudência e no respeito com que se deve olhar a cátedra do Espírito Santo. Porque, ainda que os referidos pregadores tinham grande mérito por sua eloquência, como seu coração não estava animado de um zelo tão puro como o de São João, haviam zombado em seus discursos das ordens mendicantes, causando escândalo aos ouvintes, desprezo de seu ministério, acusações em Roma e alvoroços e dissensões muito alheias do ministério da palavra. Entretanto a doutrina, virtude e contínuo trabalho deste digno sacerdote ia crescendo em tanto grau que todos a uma voz publicavam seu mérito e clamavam por sua exaltação. Distinguiu-se entre todos o arcebispo daquela santa igreja, por cuja solicitude não somente foi feito nosso santo cônego daquela respeitável catedral, mas se lhe confiou o delicado emprego de pregar ao César na igreja de São Vito. Em vão pretendeu escusar-se, alegando sua incapacidade para dar acertados conselhos e instruções convenientes a tão altos personagens; as escusas de sua humildade não o foram para os que conheciam seu mérito, e assim se viu obrigado a aceitar o canonicato, com o cargo de pregador da corte, que exerceu por muitos anos com aplauso geral dos palacianos e com grande admiração e fruto de quantos concorriam a ouvi-lo. O argumento ordinário sobre que formava seus sermões era a penitência e arrependimento dos pecados; a relaxação, soberba e gastos supérfluos dos nobres; a fealdade e consequências perniciosas da embriaguez, vício então muito ordinário; o luxo e profanidade dos vestidos; e, por último, o juízo tremendo que espera a todos os delinquentes e as penas acerbas e intermináveis que hão de ter por castigo. O mesmo rei Venceslau foi movido pelos discursos do santo pregador e refreou por algum tempo suas paixões desregradas.

Entretanto chegou a vagar a cadeira episcopal de Leitmeritz, e o imperador, para dar uma prova do apreço que fazia de São João Nepomuceno, ofereceu-lhe sua nomeação; mas não foi possível determiná-lo a que a aceitasse. Imaginando que sua renúncia se fundava talvez nos perigos e trabalhos inseparáveis do bispado, ofereceu-lhe a prebenda de Vyšehrad: era esta a primeira dignidade eclesiástica da Boêmia depois do bispado, tinha cem mil florins de renda ao ano, não exigia cuidados, penas nem fadigas e levava anexo o título de chanceler hereditário do reino. Mas conhece pouco os santos o que lhes faz semelhantes ofertas: o virtuoso cônego recusou esta dignidade com tanta mais razão quanto o único aliciante que oferecia eram as honras e as

riquezas.

Mas, quanto mais desprezava o santo as grandezas do mundo, tanto mais permitia Deus que o mundo o estimasse. Empenhou-se de novo Venceslau em nomeá-lo seu esmoler; e o santo admitiu este cargo, já por não azedar o ânimo do imperador resistindo a suas porfias, já pela facilidade que lhe dava para instruir a corte com maior autoridade e mais fruto e já pela proporção de satisfazer sua ternura e caridade com os pobres. Por outro lado, este destino não o expunha a distrações nem lhe oferecia aquelas riquezas e honras que tanto o atemorizavam: assim foi a humildade a que o fixou na corte, aonde a ambição conduz quase todos os homens. Desempenhou seu emprego de tal modo que todos os cortesãos estavam admirados da destreza, política e integridade com que se conduzia no palácio: os pobres davam graças ao céu, surpreendidos de sua ardente caridade e de suas largas esmolas, e todos admiravam em sua conduta e bom desempenho os efeitos de uma prudência celestial e de uma justiça consumada.

A imperatriz Joana, filha de Alberto da Baviera, conde de Hainaut e de Holanda, era uma princesa adornada das mais belas qualidades e de todo gênero de virtudes. Movida da unção que acompanhava os sermões de São João Nepomuceno, da segurança e solidez de suas máximas e da força vitoriosa com que persuadia a virtude, determinou tomá-lo por seu confessor para que dirigisse sua consciência e fosse mestre de sua vida. Este feito moveu alguns conventos de virgens a solicitar sua direção, seguras do aproveitamento que lhes resultaria se chegassem a conseguir tão acertado ensino. As precisas obrigações do emprego de esmoler não permitiram este consolo senão às religiosas de São Jorge, que com a direção do santo chegaram em breve ao mais sublime grau da perfeição religiosa. Neste tempo resplandecia Nepomuceno como uma luzente tocha que difundia por todas as partes as luzes de sua santidade e sua doutrina. A santa igreja metropolitana de Praga o olhava como a seu maior ornamento e toda a corte como a um oráculo onde achavam suas dúvidas claridade, solução suas dificuldades e um anjo de paz seus pleitos e dissensões. Neste último ponto chegou a tão elevado conceito a prudência de nosso santo que acontecia pôr em suas mãos os pleitos mais consideráveis, interessantes e ruidosos, sujeitando-se as partes voluntariamente a sua sentença. Tão grande era a opinião que de sua sabedoria e integridade haviam concebido todos que muitos, não cedendo às decisões dos tribunais reais, ouviam e abraçavam sem apelação as decisões de São João Nepomuceno.

Entretanto o rei Venceslau, que era de caráter feroz e propenso a todos os vícios, ia piorando seus costumes, manchando-os com sua fereza e desonestidades. Diz-se que os infames aduladores que o rodeavam lhe deram confeições com que excitar até o sumo sua crueldade e sua impureza; mas que confeições tão ativas para perverter o coração de um príncipe e fazê-lo execrável aos olhos de Deus e dos homens como as palavras e conselhos dos aduladores, cujas línguas serpentinas estão cheias de um mágico e pestífero veneno! Este pôde tanto naquele príncipe infeliz que chegou a convertê-lo num louco furioso ou num monstro que não achava deleite senão na crueldade e nos mais infames delitos. A piedosa rainha olhava com sumo pesar os excessos de seu esposo; e a piedade e ternura de seu coração se comoviam mais violentamente à vista das crueldades diárias que cometia. Não podia ver sem horrorizar-se que seu marido, imitando os príncipes mais cruéis, chegasse até o extremo de manchar a mesa e as viandas que comia com o sangue dos grandes que ali mesmo mandava degolar. Gemia a inocente rainha no segredo de seu coração e redobrava seus suspiros ao ver que sua honesta conduta era olhada pelo rei com olhos infiéis e zelosos. Não

achava consolo senão na solidão e no retiro, dirigindo a Deus rogos humildes para que abrandasse o coração de seu esposo. Quando os males que se padecem são extremos, não acha o aflito descanso senão na conversação com Deus e no seio da virtude. Por isso, com nenhum exercício podiam temperar-se as lágrimas e amargura da rainha senão com a confissão sacramental, que começou a frequentar com mais esmero, com a oração contínua, com o socorro dos pobres e com os exercícios de uma vida completamente espiritual em que se empregava dia e noite.

Estas piedosas ocupações da rainha, suas mortificações e abstração, que bastariam por si sós para abrandar o coração mais rebelde e para excitar nele os estímulos de um verdadeiro e puro amor, produziram em Venceslau efeitos inteiramente contrários. Não podia sofrer a presença de sua esposa; aborrecia-a com todo o seu coração quando se apresentava a seus olhos; mas, quando a via retirada e apartada algum tanto de sua presença e comércio, seu coração se abria não tanto ao amor quanto à louca paixão dos ciúmes. Produziram estes no iníquo rei a desatinada curiosidade de saber a confissão de sua esposa, os pecados que confessava ao sacerdote, os conselhos que este lhe dava e principalmente como pensava de seu marido e se acaso tinha seu amor empregado em outro objeto: tão loucos pensamentos é capaz de produzir a tirania quando se aconselha com a crueldade, com a torpeza e com a lisonja. Mandou, pois, chamar São João Nepomuceno e, depois de vários rodeios de discursos e palavras, fez que caísse a conversação sobre as qualidades e condição das mulheres casadas, significando que suas intenções mais ocultas e suas obras, por santas e secretas que fossem, deviam sabê-las seus maridos, principalmente sendo estes reis. Propôs-lhe riquezas, honras, dignidades e quanto poderia apetecer um homem ambicioso, contanto que lhe revelasse alguma parte do que a rainha lhe confessava, assegurando-lhe que guardaria segredo e ficaria tranquilo seu coração. Escandalizou-se e encheu-se de horror o sagrado ministro ao ouvir semelhante proposta e, com evangélica liberdade, fez entender ao rei sua impiedade e sacrílega pretensão, aconselhando-lhe que se arrependesse de tão execrável delito e deixasse de solicitar o que de nenhuma maneira poderia jamais conseguir. O coração do rei acendeu-se em furor ouvindo a repulsa e muito mais a repreensão azeda com que o varão apostólico havia afeado seu procedimento; mas, considerando que os primeiros passos costumam ser inúteis para a consecução das coisas difíceis e que as instâncias continuadas costumam conseguir finalmente o que havia parecido inatingível no princípio, reprimiu os movimentos de sua ira, dissimulou por então e dilatou para tempo mais oportuno o reiterar as diligências para lograr sua louca pretensão.

Um sucesso inesperado, que encheu todo o palácio e toda a corte de terror, acelerou o tempo que o rei havia determinado dar de tréguas a suas sacrílegas intenções. Apresentaram um dia a sua mesa um capão que Venceslau não achou preparado a seu gosto; e, por um rasgo de barbárie digno de Calígula ou Heliogábalo, mandou que pegassem o cozinheiro e, atadas as mãos e os pés, o assassem no mesmo fogo em que havia estado o capão. Estremeceram-se ao ouvir isto todos os palacianos; seus semblantes pálidos denotavam o terror de seus corações; olhavam-se uns aos outros, significando em seus olhares a iniquidade e barbárie que concebiam na sentença; mas ninguém ousava reclamar nem interceder com o rei enfurecido, temerosos todos de que decretasse contra eles igual suplício. Estava então no palácio São João Nepomuceno e, avisado do que se passava, não teve dificuldade em apresentar-se ao rei, com todo o valor que infunde nos peitos cristãos a caridade e a justiça. Rogou primeiramente com palavras brandas e humildes pela vida daquele infeliz; e, quando viu que persistia duro em sua bárbara sentença, afeou-lhe com

razões fortes e terríveis a iniquidade de seu decreto. Poucas palavras havia pronunciado quando o iníquo príncipe, irritado até o sumo e cintilando-lhe os olhos, chamou a grandes vozes a guarda e, sem ter respeito ao sacerdócio nem olhar pelo decoro da real dignidade, mandou que levassem o santo a um escuro e fétido calabouço. Permaneceu nele alguns dias, tão molestado da fedentina e da fome que chegou a ponto de expirar; mas sua alma dava a Deus graças contínuas e louvava sua misericórdia porque se havia dignado dar-lhe ocasião de padecer pela caridade e pela honra de seu santo nome. Bem conhecia o santo que todas aquelas penas as dirigia o astuto príncipe a vencer sua constância, para poder chegar a descobrir os segredos que desejava; mas, quanto mais crescia a astúcia e crueldade do príncipe, tanto mais se fortalecia o coração deste digno ministro da penitência, resolvido a perder mil vezes a vida antes que violar o segredo da confissão.

Em semelhantes propósitos se entretinha quando entrou no cárcere um fidalgo enviado pelo rei, o qual lhe disse da parte dele que Sua Majestade estava arrependido do que havia executado com ele; que lhe perdoasse aquela injúria e, esquecendo tudo quanto havia passado, saísse do cárcere e fosse livre a gozar de seu sossego. Aconselhou-lhe ao mesmo tempo que, para afirmar-se mais na graça do rei, procurasse no dia seguinte fazer-lhe a corte, assistindo com os demais personagens à comida. Assentiu o santo e, segundo o pactuado, foi ao palácio no dia seguinte enquanto o rei estava comendo, de quem foi recebido com demonstrações muito honoríficas. Tendo-se tirado a mesa e despedido a comitiva, manda o César que Nepomuceno venha a sua presença, o que se executa. Imediatamente começa a explicar-se, manifestando seu desassossego e inquietude por saber o que desejava e rogando ao santo que lhe descubra uma por uma todas quantas coisas lhe havia manifestado a rainha no sagrado tribunal. Sua pretensão ia acompanhada de quantos artifícios pode sugerir uma paixão louca, ajudada de todas as astúcias que pode inspirar o demônio. Umas vezes o afaga e lisonjeia, outras manifesta dureza e severidade; já promete guardar um inviolável silêncio, já desmente sua promessa com as perversas intenções que se deixavam entrever nos artifícios de sua curiosidade. Umas vezes o excita com os prêmios, honras e dignidades mundanas; e outras prorrompe em ameaças, dando-lhe a entender que executaria em sua pessoa os mais atrozes e sangrentos castigos. O santo respondeu a este discurso explicando-lhe o ministério de confessor, o sagrado e augusto do sigilo sacramental, e concluiu com que nenhuma coisa seria capaz de fazê-lo faltar jamais a seus deveres. Esta firme resposta irritou de tal modo o coração do príncipe que imediatamente mandou chamar seus satélites e o carrasco, a quem ordinariamente tinha a seu lado e por uma cruel chocarrice dava o nome de padrinho. Deu-lhes ordem de que levassem o santo ao cárcere e, pondo-o sobre um potro, descosessem seus membros e queimassem com tochas acesas seus costados. Crê-se que assistiu ao tormento o rei cruel, já por seu costume de assistir às bárbaras execuções, já porque esperaria descobrir entre aquelas crueldades alguma parte dos segredos. O mártir de Jesus Cristo sofreu aquele tormento horroroso com invencível constância; sua alma embebida em Deus e apartada das dores que padecia sua carne estava fixa em Jesus Cristo e em sua santíssima Mãe, pronunciando sem cessar seus doces nomes. Por fim o desceram do potro, quase próximo a expirar, e o deixaram no cárcere, onde o Senhor visitou seu servo e encheu sua alma das mais doces consolações.

Nada há mais covarde no mundo que a crueldade e a tirania. Ao passo que a ferocidade de Venceslau tinha suas delícias em ver derramar sangue e ouvir os lamentos que arrancava sua vingança dos aflitos corações, temia a cada passo o justo castigo de seus excessos que lhe

repreendia sua consciência. Receoso do escândalo que havia de causar em toda a corte o que havia executado com um varão tão santo e respeitável, mandou que o tirassem do cárcere secretamente e o deixassem ir livre a sua casa. São João Nepomuceno, esquecido inteiramente das injúrias, dores e tormentos que havia padecido, ocultou-os no segredo de seu coração, sem participá-los a ninguém, nem sequer a seus amigos e familiares. Procurou com o maior sigilo curar suas feridas e, restabelecido delas, voltou com novo ardor a empregar-se nas sagradas funções de seu ministério. Conhecia muito bem a índole severa e contumaz do obcecado príncipe e que não desistiria de seu intento até tirar-lhe a vida. Nesta inteligência redobrou os exercícios fervorosos de piedade em que antes se ocupava, preparando-se deste modo a uma morte violenta que, avisado do céu, sabia estar já muito próxima. Pregando um dia na igreja de São Vito e tomando por texto estas palavras: *Dentro de pouco não me voltareis a ver mais,* repetiu tanto esta expressão: «Já serão muito contadas as palavras que ouvireis de minha boca», que todo o auditório compreendeu que lhes anunciava a proximidade de sua última hora. No fim do mesmo discurso, possuído de uma espécie de entusiasmo profético, com lágrimas nos olhos, predisse os males que haviam de inundar aquele reino: disse-lhes que dentro de pouco tempo sairia do abismo uma funesta heresia que misturaria sacrilegamente o sagrado e o profano com uma confusão escandalosa; que seriam consumidos pelo fogo todos os templos e conventos da Boêmia e que os sacerdotes pereceriam com tormentos requintados; por último, que estava próximo o desgraçado fim que havia de ter a religião católica em todo aquele reino. Concluiu o sermão despedindo-se de todos, pedindo perdão a prelados e cônegos da igreja de Praga com as expressões mais humildes, acusando sua inocente vida e ponderando suas mais leves faltas. Florescia então a igreja da Boêmia pela observância da disciplina eclesiástica, pela santidade e sabedoria de seus prelados e pela integridade de costumes com que viviam seus ministros. Isto mesmo causou maior admiração a quantos ouviram o sermão de um varão tão santo, cheio de profecias tão funestas e de novidades que comoviam os corações de todos. A dor interior, o respeito, a submissão aos divinos arcanos apoderaram-se de suas almas em tanto grau que o abatimento e desconsolo se manifestavam em seus semblantes, o silêncio em suas bocas e as lágrimas em seus olhos.

Há em Breslau uma devota imagem de Maria santíssima, venerada com grande piedade dos fiéis, os quais a receberam de São Cirilo e São Metódio como uma prenda segura de suas felicidades e um lugar de refúgio aonde acudissem em seus infortúnios e trabalhos. A este santuário foi São João Nepomuceno poucos dias depois de haver pregado aquele famoso sermão, para ocupar-se em oração fervorosa e em piedosos exercícios com que preparar-se para a morte. As veras com que imploraria os divinos auxílios; os ternos afetos com que chamaria uma e mil vezes a Mãe de piedade, a quem desde muito menino se havia entregado com uma devoção ardentíssima; os acesos suspiros que sairiam de seu peito pedindo ao Onipotente sua assistência para sofrer com valor a morte por seu nome, só Deus, que vê os segredos do coração e que tem em sua destra aquele peso de eterna justiça com que pesa os méritos dos justos, pode sabê-lo. Mas a vida imaculada deste santo, seus costumes inocentes, sua vida fervorosa e o horror de uma morte próxima persuadem que naquele santuário derramou os mais ardentes suspiros que havia exalado em sua vida, preparando-se para o martírio com orações dignas desta sublime graça.

Confortado vigorosamente Nepomuceno com os auxílios do Espírito Santo, voltava de Breslau a Praga ao tempo em que o ocioso rei, depois de haver satisfeito sua destemperança e sua gula, olhava de uma janela o que se passava na rua. Por casualidade passou por ali o santo e sua vista

reproduziu no ânimo do rei todos os furiosos afetos que anteriormente havia manifestado. Uma nuvem de ciúmes e suspeitas contra sua inocente esposa se pôs diante de seus olhos; a memória das repulsas que levara sua sacrílega pretensão e a constante firmeza com que o servo de Jesus Cristo lhe havia resistido exacerbaram seu coração e encheram de furor seu peito de tal maneira que mais que homem parecia um leão enfurecido. Envia ao ponto ministros que lhe tragam diante de si São João; e, não sofrendo a cólera deter-se em muitas palavras, disse-lhe laconicamente: «Tem entendido, ó sacerdote, que vais morrer se imediatamente não me revelas a confissão de minha mulher, expondo todas quantas coisas fiou a teu segredo, até as mais mínimas. Está concluído, morrerás: juro a Deus que beberás água.» Com esta última expressão significou a perversa intenção que tinha de fazê-lo precipitar no rio do alto da ponte. Ouviu São João Nepomuceno a sacrílega pretensão do irado e contumaz monarca; e, julgando indigno do sacerdócio responder tantas vezes a um assunto tão ímpio, desprezou a proposta do rei sem dignar-se sequer dar-lhe resposta de palavra; mas com o semblante severo, e voltando a outro lado a cabeça, manifestou o execrável do delito e a abominação com que o olhava. O rei furioso chama a grandes vozes seus satélites e carrascos, os quais, pegando o santo com grande fúria, o levaram a outra estância, esperando as ordens do rei para pô-las em execução. Este, temeroso de que se sublevasse o povo se se executava publicamente a pena de morte no santo, deu-lhes ordem de que o levassem em segredo no silêncio da noite à ponte que tem o rio que divide Praga antiga da nova Praga e, atado de pés e mãos, o precipitassem no rio. Os carrascos obedeceram cegamente o decreto iníquo; e, tendo levado o santo à expressada ponte, executaram a sentença, por meio da qual consumou São João Nepomuceno o glorioso martírio em defesa do sigilo sacramental. Sucedeu isto na véspera da Ascensão do Senhor, ano de 1383 [^3].

Havia desejado o cruel monarca cobrir com o silêncio os excessos de sua ferocidade; mas o céu, que havia ilustrado com o milagre de umas luzes resplandecentes o nascimento de seu servo, quis glorificar com as mesmas luzes milagrosas sua preciosa morte. Cresceu repentinamente o rio Moldava e entre suas ondas buliçosas levava como em pompa o santo cadáver, acompanhando-o continuamente aquelas resplandecentes luzes, que pareciam fazer-lhe os funerais. Comoveu-se toda a cidade a espetáculo tão peregrino, perguntando-se uns aos outros que sucedia ou que havia sucedido que movesse a semelhantes portentos o céu. A rainha Joana, que ignorava o que havia passado, foi presurosa buscar Venceslau e, mostrando-lhe as luzes que sobre o Moldava se viam, perguntou-lhe que podia significar aquele portento. Semelhante pergunta, a consciência de seu delito e o ver com seus olhos tão grande milagre, tudo junto feriu como um raio aquela alma protervo, de tal modo que se apartou a um aposento retirado e por espaço de três dias permaneceu sem falar com ninguém, ou fosse amedrontado do temor ou simulando uma dor fingida do que havia feito. Por toda aquela noite permaneceram as chamas ao redor do santo cadáver e nos ânimos dos cidadãos a admiração e a dúvida, até que ao amanhecer do dia seguinte viram todos com dor a origem das luzes maravilhosas. Viram nas margens do Moldava um corpo exânime que, pelo vestido, pela majestade e graça do semblante e pela decentíssima postura em que estava colocado, conheceram ser o de São João Nepomuceno. Divulgou-se ao instante por toda a cidade o rumor de um feito tão bárbaro, cujo autor se deixou conhecer bem logo, já pelos antecedentes que havia contra o César, já porque seus aduladores, satélites e carrascos eram incapazes de guardar silêncio, pelo que sucede em tais casos. Chegaram finalmente a entender os cônegos da santa igreja metropolitana o feito atroz e, ordenando uma devota procissão, tomaram com muita honra e reverência o corpo de seu santo irmão e o trasladaram à igreja de Santa Cruz

dos Penitentes, que estava ali perto, depositando-o até que se dispusesse na igreja metropolitana um digno sepulcro. Premiou o santo esta piedade, zelo e fortaleza de seus irmãos em procurar honrar seu cadáver à vista de um príncipe em quem era tão pronta a ira como a execução de seus intentos. Ao tempo que, para formar o honroso sepulcro que haviam meditado, cavavam os alicerces na igreja de São Vito, encontrou-se um tesouro com grande cópia de ouro, prata e alfaias preciosas, que pareciam ser o preço que o céu destinava à piedade dos cônegos.

Entretanto permanecia o corpo de São João na igreja de Santa Cruz, aonde concorreu imensa multidão de gente a venerar o mártir de Jesus Cristo. Uns publicavam a constância e fortaleza que havia tido entre os atrozes tormentos e na mesma morte; outros exaltavam a causa de seu martírio, que redundava em tanta glória do sigilo sacramental; beijavam-lhe outros os pés e as mãos, encomendavam-se a sua poderosa intercessão e tocavam no santo corpo rosários e medalhas para tê-los por relíquias. E, como a solenidade do dia da Ascensão oferecia boa ocasião para desafogar-se a seu salvo a acesa piedade dos fiéis, juntaram-se estes em tanta multidão, manifestando a vozes o conceito que de São João lhes inspirava o céu, que se pode dizer que desde aquele ponto foi canonizado por santo. Noticioso o rei do que se passava e temendo uma sublevação no povo, mandou dizer aos religiosos de Santa Cruz que impedissem o tumulto em sua igreja, retirando o santo cadáver a um canto o mais apartado. Fez-se o que mandava o tirano monarca, mas dispôs o céu que isto mesmo servisse para maior glória de nosso santo. Foi o caso que o corpo deste, encerrado e escondido, começou a exalar tão suave fragrância que de nenhuma maneira pôde manter-se oculto nem deixar de aumentar-se de novo o concurso numeroso dos que acudiam a venerá-lo. Para colocá-lo em lugar mais decente e proporcionado aos contínuos votos que ofereciam os fiéis agradecidos a seus favores, havia-se construído um sepulcro honorífico na igreja catedral. Os cônegos, todo o clero e uma imensa multidão de povo formaram-se em procissão; e, tendo ido à igreja de Santa Cruz, tomaram o corpo do santo, levaram-no com grande pompa à metropolitana, ressoando ao mesmo tempo todos os sinos da cidade e aclamando-o por santo todo o concurso numeroso. Antes de enterrá-lo, a petição do povo, abriu-se a arca em que estava o cadáver depositado, o qual foi venerado de todos, recebendo ao mesmo tempo com seu contato saúde repentina muitos enfermos. Depositou-se finalmente no sepulcro preparado, acompanhando este ato as lágrimas de todos, principalmente dos pobres, que com a morte de São João Nepomuceno choravam a perda de um pai. Pôs-se em cima do sepulcro uma grande pedra e nela uma inscrição que dizia assim: «Aqui jaz o venerável senhor e mestre João Nepomuceno, cônego desta igreja e confessor da Rainha, o qual, tendo sido tentado em vão por Venceslau, rei da Boêmia, filho de Carlos IV, para que quebrantasse o sigilo sacramental, sofreu com invicta constância cruéis tormentos; e por último foi precipitado desde a ponte ao rio Moldava. Ilustrou-o Deus com milagres, e foi sepultado neste sítio no ano do Senhor de 1383.»

Venerou-se seu cadáver por muito tempo neste sepulcro, fazendo-o Deus glorioso com infinitos milagres e visitando-o com grande reverência as pessoas mais condecoradas, como eram religiosos, cônegos, bispos, arcebispos e até os mesmos imperadores, que o tinham por santo. Mas não havia declarado isto a Sé Apostólica com a formalidade acostumada, até que no ano de 1719, sendo comissionado o bispo de Praga para reconhecer o cadáver, passou a fazê-lo acompanhado do cabido e de toda a nobreza. Levantou-se a lápide que cobria o sepulcro e viram todos com admiração a integridade e incorrupção do cadáver de São João Nepomuceno. Cresceu o pasmo

quando, tendo feito reconhecimento da língua, se achou estar fresca e tão flexível que não resistia à incisão de uma lanceta que se mandou fazer por um cirurgião. Separou-se esta preciosa relíquia numa rica caixa de ouro e, informado devidamente de tudo o acontecido, Inocêncio XII declarou o culto imemorial; e Bento XIII o canonizou com toda a solenidade que costuma a Igreja nesta augusta cerimônia, estendendo seu culto por todo o cristianismo. São inumeráveis os prodígios que tem obrado Deus por intercessão de São João Nepomuceno com todos aqueles que têm implorado seu patrocínio nas maiores necessidades; mas no que mais se têm manifestado as misericórdias de Deus e o grande valimento que para com ele têm as súplicas deste seu servo é no favor que têm experimentado os que padeciam alguma injusta infâmia. É também singular protetor e advogado daqueles que, não tendo tido vergonha para ser ingratos a seu Deus, a têm no tribunal da penitência para manifestar suas culpas ao confessor e chorá-las com amargas lágrimas de compunção. A uns e outros favorece este santo e por sua intercessão logram a integridade de sua honra, a paz de sua consciência e a expiação perfeita de seus delitos: por tudo o que seja Deus glorificado em seus servos. Amém.

Martirológio Romano

Em Gúbio, Santo Ubaldo, bispo, célebre por seus milagres.

Na Isáuria, a festa dos santos mártires Aquilino e Vitoriano.

Em Auxerre, o martírio de São Peregrino, primeiro bispo desta cidade, que com outros eclesiásticos foi enviado pelo papa São Sisto às Gálias, onde, depois de haver exercido dignamente o ministério da pregação evangélica, tendo sido condenado a perder a cabeça, mereceu a coroa da imortalidade.

Em Uzali, na África, os santos Félix e Genádio, bispos.

Na Palestina, o martírio de muitos santos monges que foram mortos pelos sarracenos na laura de São Sabas.

Na Pérsia, os santos mártires Abdas, bispo, sete presbíteros, nove diáconos e sete virgens, os quais, no tempo do rei Isdegerdes, tendo passado por diversas classes de tormentos, completaram gloriosamente seu martírio.

Em Praga, na Boêmia, São João Nepomuceno, cônego da igreja metropolitana, o qual, tendo sido instigado inutilmente a violar o sigilo da confissão, foi lançado no Moldava e mereceu a palma do martírio.

Em Amiens, Santo Honorato, bispo.

Em Le Mans, São Domnolo, bispo.

Em Mirandola, na Lombardia, São Possídio, bispo de Calama, discípulo de Santo Agostinho e historiador das belas ações deste grande santo.

Em Troyes, São Falo, confessor.

Na Irlanda, São Brandão, abade.

Em Fréjus, Santa Máxima, virgem, que morreu na paz do Senhor, esclarecida em virtudes.

Missa (oração)

A missa é do comum de mártir, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui ob invictum beati Joannis sacramentale silentium novo Ecclesiam tuam martyrii corona decorasti: da nobis, ejus intercessione et exemplo, linguam caute custodire, ac omnia potius mala quam animæ detrimentum in hoc sæculo tolerare. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que pelo invicto silêncio sacramental do bem-aventurado São João Nepomuceno adornastes vossa Igreja com uma nova coroa de martírio, concedei-nos, por sua intercessão e exemplo, que acertemos a ter cautela com a língua e a sofrer antes neste mundo todos os males que admitir o menor dano em nossas almas. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da Sabedoria, e a mesma do dia 1.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Reflexões

Em todos os tempos manifestou Deus que, por mais que as portas do abismo se conjurassem contra sua Igreja, sempre permaneceria esta como rocha imóvel, superior a todos os combates do erro e da heresia. Tem cuidado de produzir em todos os tempos varões admiráveis em santidade e letras que a defendessem com sua doutrina e não duvidassem verter seu sangue em defesa de seus mistérios. Entre estes, o de mais consolo para os pecadores é o santo sacramento da penitência, chamado justamente uma tábua de salvação no naufrágio da culpa. Neste sacramento se enxugam suas lágrimas, purificam-se suas consciências, aviva-se sua fé e revive novamente a esperança das eternas ventura que estava amortecida. Mas todos sabem que, para lograr estes maravilhosos efeitos, dispôs Jesus Cristo, segundo nos ensina a tradição derivada dos apóstolos, que se hão de confessar os pecados ao sagrado ministro, para que este, como juiz, pai e mestre, possa dar a sentença de absolvição, ensinar ao pecador os caminhos da salvação e ministrar-lhe, como a filho, todos os meios de consolação e segurança que ditam o amor paternal, a compaixão e a ternura.

Mas a miséria do homem chega a tal extremo que, desprezando os ajustados ditames da razão, aprecia e estima os das paixões e do comum inimigo, que tendem a tê-lo como aprisionado no vício. Isto se vê com frequência nas dificuldades que encontram muitas pessoas em confessar suas culpas, apresentando-se-lhes umas vezes com horror a necessidade que têm de revelar seus mais secretos excessos e outras concebendo temores vãos de que possam em algum tempo sair das trevas do silêncio a que foram confiados. Para vencer estes temores, celebra hoje a Igreja a constância de um santo mártir que, tentado com os mais requintados tormentos e com as promessas mais especiosas para que quebrantasse o sigilo sacramental, manteve-se constante diante do tirano e deu gostosamente sua vida em defesa de tão inviolável segredo. Esta constância é um novo timbre com que quis Deus adornar sua Igreja e um motivo de segurança e consolação para os fracos que dão ouvidos às vozes de sua fraqueza. É certo que o ministro sacramental é um homem capaz de todos os deslizes a que está exposta a fragilidade humana; mas seu ministério o extrai de certa maneira desta classe e o representa aos olhos da fé e da piedade com um caráter tão grande e respeitável como o ministério que exerce. O confessor é vigário de Jesus Cristo, exerce um ministério instituído por Jesus Cristo, obra com autoridade e poder do mesmo Jesus Cristo; e por isso Jesus Cristo emprega misericordiosamente todos os cabedais de sua graça e todos os esforços de sua onipotência para conservar o crédito e perfeição de uma das mais santas

obras suas. O comum inimigo procura astutamente formar novos grilhões e cadeias para aprisionar os que uma vez sujeitou a seu império, como diz Jeremias: tais são os temores e a vergonha que infunde no coração dos que vão confessar suas culpas; mas, se não queres lançar um véu a teus olhos, conhecerás que suas astúcias não devem prevalecer contra a segurança e confiança que pregou São João Nepomuceno e testificou com seu sangue. Deita, pois, fora de teu peito os vãos temores que o oprimem, enxota a perniciosa vergonha que confunde teu semblante e, detestando as culpas que a fazem escrava do demônio, confessa-as ao ministro do santuário com lágrimas de compunção. A isto te convida a Igreja, a isto te anima a palavra de Jesus Cristo e a isto finalmente te excita o glorioso martírio que em defesa do sigilo sacramental padeceu São João Nepomuceno.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São Mateus.

Mateus 10,26-32

> **Latim:** 26 Ne ergo timueritis eos. Nihil enim est opertum, quod non revelabitur : et occultum, quod non scietur. 27 Quod dico vobis in tenebris, dicite in lumine : et quod in aure auditis, prædicate super tecta. 28 Et nolite timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere : sed potius timete eum, qui potest et animam et corpus perdere in gehennam. 29 Nonne duo passeres asse veneunt ? et unus ex illis non cadet super terram sine Patre vestro. 30 Vestri autem capilli capitis omnes numerati sunt. 31 Nolite ergo timere : multis passeribus meliores estis vos. 32 Omnis ergo qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est.

Português: 26 Pois não os temais: Porque nada ha encoberto, que se não venha a descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. 27 O que eu vos digo ás escuras, dizei-o ás claras: e o que se vos diz ao ouvido, publicai-o dos telhados. 28 E não temais aos que matão o corpó, e não podem matar a alma: temei antes porém ao que póde lan- çar no inferno tanto a alma como o corpo. 29 Por ventura não se vendem doux passarinhos por hum’asse: e hum d’elles não calhirá sobre a terra sem vosso pai. 30 E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados. 31 Não temais pois : que mais valeis vós que muitos pássaros. 32 Todo aquelle pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos ceos:

Meditação

Sobre os danos da vã curiosidade

Primeiro ponto

Considera que a vã curiosidade é a fonte e origem da maior parte dos males que sucedem neste mundo.

Quando esta verdade não tivesse a seu favor outra prova que a que subministra o pecado do primeiro homem, seria suficiente para manifestar que dela nascem todas as calamidades e todas as culpas em que está o mundo submergido. Viu a primeira mulher a fruta proibida, que se apresentava a seus olhos deliciosa; a astuta serpente a provoca a prová-la, com a especiosa promessa de que não teria cumprimento a ameaça de Deus, mas antes, em comendo-a, experimentaria por sua virtude uma ciência peregrina que lhe fizesse conhecer o bem e o mal, elevando sua natureza ao grau sublime da divindade. Movida da curiosidade de experimentar tão grandes vantagens, come a fruta, faz que a prove seu marido, traspassa o preceito do Criador e num momento viram-se ambos cobertos de ignorância, envergonhados com uma miserável nudez, privados do paraíso e suas delícias, condenados a manter sua vida com o suor de seu rosto e a sofrer, depois de inumeráveis trabalhos e angústias, a necessidade indispensável da morte. Desta curiosidade nasceram todas as calamidades que oprimem o gênero humano, as quais, se se houvessem de contar uma por uma, excederiam em número as estrelas; mas basta para conhecê-las a própria experiência em qualquer que reflete. Estes males crescem ainda mais considerando que à curiosidade, que é sua origem, se a tem regularmente no conceito de um leve delito, quando nossa cegueira não queira apropriar-lhe o caráter de virtude. Costuma julgar-se que a curiosidade é um meio para dissipar a ignorância: seria assim se a culpa não nos houvesse privado do tino para encontrar aquele ditoso meio em que consiste a virtude. Por isso a curiosidade causa em nós danos muito perniciosos e muito multiplicados.

Faz que, ansiosos de saber os negócios alheios, descuidemos nossas próprias obrigações; que fixemos a vista nos defeitos de nossos próximos e tomemos por diversão o exagerá-los, lacerando as entranhas da caridade e enegrecendo a honra de nossos irmãos. A curiosidade nos aparta do conhecimento de nós mesmos, desviando nossa consideração de nossas debilidades e de nossas culpas para que não tenhamos a ocasião de chorá-las; retrai os pais de família da inspeção precisa de sua casa, fazendo-os abandonar a direção de sua mulher e de seus filhos e apartando seu coração dos exercícios piedosos. É também a causa da maior parte das tentações que combatem nossa virtude, porque as irrita, as ceva e as alimenta aquele que por curiosidade pretende ver, ouvir e possuir os objetos que são capazes de produzi-las ou excitá-las. Por isso Santo Agostinho se queixa muitas vezes, nos livros das *Confissões*, dos grandes danos que lhe fez a curiosidade, umas vezes dissipando seu espírito e outras pegando seu coração aos bens criados. Conhece, ó cristão, estas verdades e, escarmentando nos danos que viste padecer a teu próximo por causa da curiosidade, procura arrojar do coração semelhante vício.

Segundo ponto

Considera que a curiosidade é um vício tão cego e atrevido que nem respeita as coisas sagradas, nem se atemoriza dos mais horrorosos delitos, nem teme os castigos com que manifestou Deus o

ódio que lhe tem.

O vão desejo de satisfazer a curiosidade humana precipitou inumeráveis homens que por outra parte pareciam sábios no desprezo da revelação e da autoridade divina, pretendendo com temeridade contradizer as verdades ensinadas pelo Espírito Santo à Igreja e desprezando aquele prudente conselho que nos avisa que não intentemos averiguar o que excede nossos alcances, porque o que se atreve a escrutar a Majestade será oprimido do resplendor de sua glória. Esta é a origem de tantos heresiarcas como em todos os tempos têm turbado a Igreja com seus perniciosos erros; de tantos ímpios e atrevidos filósofos que, pretendendo medir pelas forças naturais os conselhos e grandes obras da divindade, chegaram até o extremo de dizer em seu coração: Deus não existe; e daqui finalmente tomaram seu princípio aqueles sacrílegos cristãos que, desmentindo tão sacrossanto nome, se introduziram no segredo do santuário, profanando seus mistérios e intentando sujeitar a autoridade divina às humanas disposições. Somente o martírio de São João Nepomuceno, que celebra a Igreja neste dia, é um testemunho de tão notória exceção que por si só basta para a qualificação de todas estas verdades. Que outra coisa precipitou o desgraçado príncipe Venceslau no abismo de tantos delitos execráveis senão a curiosidade? Não encheu esta seu coração de inquietas suspeitas e raivosos ciúmes, com que começou a duvidar da inocência e honestidade de sua augusta esposa? Esta furiosa paixão não produziu em sua alma o louco empenho de profanar o sacramento da penitência, pretendendo que se lhe revelassem seus segredos? E não foi esta paixão a que irritou seu protervo ânimo até o extremo de conculcar a respeitável dignidade do sacerdócio, desconhecer os privilégios da virtude, sujeitando um homem venerável a uns tormentos igualmente infames que atrozes? E por último, não o despenhou no excesso de tirar a vida injustamente ao ungido do Senhor porque guardava com respeito os sagrados mistérios que lhe haviam sido confiados? Assim é na verdade. Mas quem considere que esta louca paixão de saber o que nada conduz para nossa felicidade levou os homens aos maiores horrores que abomina a natureza não estranhará que induza ao desprezo das coisas sagradas, que para os olhos que não sabem levantar-se do pó da terra não incluem em si tanto motivo de horror e escândalo. A curiosidade moveu alguns físicos a dissecar vivos alguns infelizes, atando-os de pés e mãos para despedaçar lentamente suas entranhas e averiguar deste modo seus movimentos. Outros cometeram a atrocidade abominável de executar o mesmo com mulheres grávidas, despedaçando-as vivas para averiguar que postura e situação tinha o feto em seu seio, sem que os lamentos que a estas infelizes fazia produzir a dor de uma operação tão cruel, como ver com seus olhos despedaçar suas entranhas e o filho que ainda tinham nelas, pudessem abrandar uns corações que a curiosidade havia extraído da classe de humanos, convertendo-os propriamente em bestas ferozes.

Crerias tu, ó cristão, que um vício aparentemente de tão pouco momento pudesse despenhar os homens em tão execráveis excessos? Assim se verifica que uma pequena centelha é capaz de produzir um fogo devorador que abrase o mundo. Uma vista algo curiosa precipita Davi em homicídios e adultérios; a vã curiosidade faz de Venceslau um perseguidor da religião, e a mesma curiosidade tem trastornado muitas vezes as cidades e os impérios. Mas Deus manifestou suficientemente o aborrecimento com que olha este vício, para que sua consideração te mova a detestá-lo.

[...] manifestada vossa ira. Dai-me, Senhor, graça para que estes meus desejos não sejam vãos, mas se confirmem com minhas santas obras. [^4]

Jaculatórias

> *Filii hominum, usquequo gravi corde: ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?* Sl 4.

Até quando, filhos dos homens, haveis de manter a dureza de vosso coração? Por que amais a vaidade e caminhais atrás da mentira?

> *Vani sunt homines, in quibus non subest scientia Dei.* Sb 13.

Considerai que os homens que não estão adornados com a verdadeira ciência de Deus são olhados por este Senhor como vãos e de nenhum preço.

Propósitos

1. À vista das funestas consequências que nascem da curiosidade, que propósitos serão os que deve fazer tua alma? Pensarás ainda em ocupar tua imaginação naquelas perigosas averiguações da conduta de teu próximo, que ofendem a caridade? Intentarás saber o que te põe em perigo de cometer delitos que nunca terias adotado? Não bastarão para retratar-te de semelhante vício os funestos exemplos que viste nestas considerações, singularmente o de São João Nepomuceno? Mas, quando não seja suficiente para desterrar de teu peito a perniciosa curiosidade, encham-te de terror os espantosos castigos que executou o Todo-Poderoso nos infelizes que se deixaram precipitar deste feio vício. A mulher de Lot é convertida em estátua de sal em pena de um olhar curioso. O olhar os betsamitas da mesma maneira a arca do Testamento, que tinham em seu poder, fez perder a vida repentinamente a cinquenta mil daqueles infelizes. E, quando não houvesse mais exemplar castigo que o que fez Deus no iníquo Venceslau em pena dos delitos a que o induziu sua néscia curiosidade, ele só bastaria para pôr terror ao mais inconsiderado. Este Príncipe infeliz viu sublevado contra si todo o seu povo: aqueles mesmos lisonjeiros que fomentavam e aplaudiam suas desordens foram os mesmos que depois puseram suas mãos sacrílegas em seu Soberano; prenderam-no por duas vezes, privaram-no do império e o fizeram morrer desastradamente entre fúrias e desesperações, deixando o reino em mãos da heresia, para que os Hussitas o devastassem e arrancassem dele a religião católica. Grande Deus! Adoro vossos conselhos, temo vossas justas ameaças e proponho firmemente apartar de meu coração um vício

contra o qual assim manifestastes vossas iras. Dai-me, Senhor, graça para que estes meus desejos não sejam vãos, mas se confirmem com minhas santas obras.

[^1]: O texto original traz «Celestino II» (papa que morreu em 1144); a canonização de Santo Ubaldo em 1192 foi obra de Celestino III. [^2]: Eclo 45,16. (O OCR traz «Eccl. 47».) [^3]: A data tradicional do martírio de São João Nepomuceno é 1393; o original traz 1383, tanto no texto como na inscrição do sepulcro. [^4]: O OCR deste dia está truncado no final: o fecho da meditação (a oração final do segundo ponto) aparece reduzido a este fragmento no fim do texto, depois das Jaculatórias, e os *Propósitos* não constam. Aparece também, deslocado, um bloco sobre a trasladação das relíquias de São João Francisco Regis e o breve de sua beatificação (Clemente XI, 1716), que pertence à vida de São João Francisco Regis (24 de maio); esse bloco foi omitido aqui.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:14 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:14 by Admin